

Cadeias Globais de Valor e Assimetrias de Poder: Uma Avaliação a Partir da Divisão Internacional do Trabalho

Julia Pantin da Silva¹

1. Resumo

A hipótese inicial deste trabalho é a de que, apesar do desenvolvimento recente de novas estratégias de comércio e produção mundiais pela fragmentação da produção em escala global – que origina as chamadas cadeias globais de valor-, persistem assimetrias de poder no sistema interestatal. Assim, ao contrário do que apregoam certas estratégias para *cath-up* via integração nas cadeias globais, países periféricos ainda enfrentam dificuldades de desenvolvimento via inserção. Este pequeno artigo visa apresentar diferentes perspectivas capazes de servir como base de sustentação para tal hipótese.

2.1 A perspectiva do Sistema-Mundo

A perspectiva do sistema-mundo foi delineada aqui a partir da leitura de três artigos de suma importância: Arrighi & Drangel (1986), Hopkins & Wallerstein (1977) e Wallerstein (1990), os quais buscam apresentar de maneira concisa e objetiva a agenda e os principais conceitos utilizados por esta vertente teórica, os quais são apresentados a seguir. Seus conceitos são úteis no desenvolvimento deste projeto na medida em que demonstram o processo de conformação da estrutura entre centro e periferia, vis a vis o desenvolvimento do capitalismo.

Para estes autores, as precursoras das cadeias globais de valor, as cadeias de *commodities* existem desde o início do capitalismo datando do século XVI, e se desenvolveram ciclicamente com a economia mundial, concomitante ao próprio desenvolvimento do sistema capitalista, enquanto valorização do capital financeiro e comercial. A acumulação de capital seria condicionada por um sistema de trocas desiguais que permita a concorrência entre diferentes Estados por maiores lucros e vantagens econômicas. Neste sentido, é possível delimitar aqui dois elementos importantes do sistema internacional, conectados por uma divisão internacional do trabalho.² : uma economia-

¹ Graduanda do Instituto de Economia IE- UNICAMP. Este artigo é o resumo de uma pesquisa em andamento sob orientação do professor Lucas Teixeira, com financiamento SAE/PIBIC.

² Uma definição da divisão do trabalho é fornecida por Hopkins e Wallerstein (1977)

“We use ‘division of labor’ to designate process that are constitutive of, continually reproduce, and regularly alter the relational structures of production. In the modern world, these are primarily world-scale relational structures, whose manifest forms are given principally by spatio-tempo movements of material goods as these are recorded in accounts, charted on maps, and so forth.”. (HOPKINS, WALLERSTEIN, 1977, pag. 114)

mundo dividida entre centro e periferia e um sistema de poder interestatal que consolida estas trocas por meio do monopólio da violência. Estabelecidas as trocas desiguais, centro e periferia tendem a se reforçar mutuamente a partir um processo de concorrência que se conforma em causação circular cumulativa³. A ideia então é que, estabelecidas as atividades de comando de uma cadeia produtiva, os estados centrais tendam a acumular as vantagens de capitais necessárias para remuneração destas atividades, enquanto os países periféricos e semiperiféricos arcam com os custos de remuneração das atividades exploratórias.⁴

Diante desse cenário de constantes pressões competitivas, o estabelecimento de um poder hegemônico surge como força estabilizadora das pressões concorrenciais, centralizando as atividades econômicas de comando, bem como o poder militar e financeiro. É assim, por exemplo, que se estabelece a hegemonia americana, a partir da divisão internacional do trabalho, que confiou a este país as atividades de comando industrial, notadamente o desenvolvimento de softwares e P&D. Da mesma forma, uma hegemonia poderia entrar em declínio diante de fases de expansão financeira, quando a disponibilidade de novos capitais tende a aumentar novamente a concorrência, pondo em cheque as capacidades coordenadoras do *hegemon*, que tende também a acumular maiores déficits estruturais que minam suas capacidades de acumulação. Por isso, segundo esta visão, a hegemonia dos Estados Unidos entraria em crise a partir da década de 70, pois diante da verificada defasagem industrial se a queda do dinamismo econômico com os choques de petróleo, os Eua teriam acumulado um excepcional déficit público que minaria suas finanças. Outros sinais de declínio seriam a derrota militar no Vietnã na década de 70 e o questionamento de seu poder bélico após a Invasão ao Iraque nos anos 1990.

A força desta tese se justifica, portanto, na descrição que fornece sobre a formação estrutural da polarização das atividades produtivas entre centro e periferia. A realização de que isto é uma característica estrutural do sistema capitalista, se manifestando a partir da concorrência e da acumulação de capital, torna ainda mais forte hipótese inicial deste projeto, mostrando como são ínfimas as possibilidades de entrada de novos países na estrutura produtiva caracterizada como central.

³ O conceito, desenvolvido por Myrdal, integra um ponto crucial na manutenção das relações de dependência. A ideia é a busca por vantagens comparativas tende a conduzir o capital para áreas onde este já encontrara anteriormente outras vantagens de integração. Em resumo, países do centro tem as vantagens de remuneração do core capital, e podem usá-las para manter relações como o capital já instalado ali, em como continuar atraindo novos capitais. Ao mesmo tempo, países periféricos controlam custos periféricos, mas não podem se utilizar disto na disputa com países centrais pelo controle de capitais, o que torna mais dependente sua forma de acesso a capitais.

⁴ “*The more core capital crowds into a specific core locale, the more the disadvantages associated with this higher rents and/or wages are likely to outstrip the advantages associated with proximity to high revenues and, therefore, to trigger a relocation of core capital toward what previously were more peripheral locations*” (ARRIGHI, DRANGEL, 1986, p. 22).

2.2 A Visão do Universo em Expansão

A tese desenvolvida por Fiori e Tavares difere da do Sistema Mundo principalmente quanto ao detalhamento proposto acerca da funcionalidade da potência hegemônica frente o restante do sistema internacional, bem como os mecanismos de sustentação e aprofundamento da polaridade centro periferia.

Em Fiori (2008) e Fiori (2004), são traçadas as bases para uma crítica à teoria da estabilidade hegemônica de Wallerstein e Arrighi. Para o autor, a lógica de expansão do capital não pode ser analisada por si só como fator explicativo para a formação dos Estados Nacionais e da polarização centro periferia: à busca pelo acúmulo de riqueza econômica, soma-se a competição por poder como fator que molda o sistema internacional. A tese aqui é que o sistema de Estados Nacionais teria se conformado a partir da expansão para outras áreas (economia mundo) a partir da expansão imperial de seus interesses nacionais. Isto é, buscando manter e centralizar o capital financeiro e a influência política (muito por meio das guerras), tem início a uma revolução financeira nos territórios europeus, seguindo o exemplo da Inglaterra, que tende a expandir-se até a colonização de novas áreas. Com este imperialismo, aos países periféricos é imposta a lógica de poder europeia, impondo a estes novos países não só atividades de exploração econômica (como era a ênfase para a polarização segundo o sistema mundo), mas também a imposição de sua moeda e seu sistema de dívida pública. Isto acaba por conformar uma profunda dependência dos países periféricos em relação à lógica de expansão financeira dos países centrais, que marca também a incapacidade de *catching up* a partir apenas da aquisição de vantagens produtivas ou industriais.⁵

⁵ Nas palavras do autor

Resumindo nosso argumento: a expansão e universalização do sistema capitalista não foram uma obra do “capital em geral”; foram, e serão sempre, o resultado da competição e expansão dos “estados-economias nacionais” que conseguem impor a sua moeda, a sua “dívida pública”, o seu sistema de crédito” e o seu sistema de “tributação”, como lastro monetário do seu capital financeiro dentro destes territórios econômicos supranacionais e em expansão contínua. Por isto, a capacidade de endividamento e o crédito internacional dos estados vitoriosos corre sempre na frente da capacidade e do crédito dos demais estados concorrentes. No caso dos vitoriosos, a “dívida pública” pode crescer por cima do produto criado dentro do seu território nacional, ao contrário das demais economias, mesmo das Grandes Potências que ficam prisioneiras de uma capacidade de endividamento menor, restrita a sua zona mais limitada de influência monetária. Os ganhadores desta competição foram, sempre, os que conseguiram chegar mais longe e garantir o controle de “territórios políticos e econômicos” supranacionais mais amplos do que o de seus concorrentes, seja na forma de colônias, domínios ou de periferias independentes. Como consequência, este sistema político e econômico mundial criado a partir da expansão europeia foi, e será sempre, desigual. Não porque as Grandes Potências dependam da exploração dos mais pobres ou dos mais fracos para sobreviver, do ponto de vista econômico ou político. O que se passa é que a lógica expansiva do sistema impõe a promoção e renovação contínua de situações que, por definição, serão sempre desiguais. (FIORI, 2004, pag. 35)

O funcionamento desta lógica de dependência a partir da expansão financeira e do estabelecimento da moeda forte é melhor explicado por Tavares e Fiori (2004), que explica porque o endividamento americano não é sinal de enfraquecimento de sua hegemonia (ao contrário do que defenderiam Arrighi e Wallerstein). A ideia é que o dólar fiduciário instaurado a partir da ruptura com o sistema de Bretton Woods serviu a um reenquadramento do sistema internacional capaz de sustentar o crescimento interno americano. Isto demonstra, como coloca a própria Tavares que: “*O fulcro do problema [da hegemonia] não reside sequer no maior poder econômico e militar da potência dominante, mas sim na sua capacidade de enquadramento econômico, financeiro e político-ideológico de seus parceiros e adversários*” (TAVARES & FIORI, 2004, pag. 28). Aqui, se revela, em nossa visão a força desta tese para a confirmação da nossa hipótese inicial, uma vez que se torna perceptível que a dominação e a regionalização da atividade econômica não está condicionada simplesmente ao exercício das atividades econômicas, mas uma lógica de imposição de lógica financeira a partir dos centros que não poderia ser superada apenas com um *catch up* industrial. Outro ponto importante aventado por Tavares é a reestruturação das atividades econômicas dos EUA nesta época, que vem a transnacionalizar empresas e capitais principalmente em direção a Ásia, e passam a basear seu crescimento interno em atividades de pesquisa e desenvolvimento (P&D) que conformam nova realocação no sistema internacional.⁶

2.3 Medeiros e Trebat

O artigo de Medeiros e Trebat (2017) é pioneiro ao focar as cadeias globais a partir da economia política, mostrando como a divisão do trabalho nas cadeias de valor gera uma lógica de concorrência que vem a limitar a distribuição de valor agregado, formando polos regionais onde a renda é concentrada. Para estes autores, a regulamentação sobre atividades de comando de cadeia, como desenvolvimento de marca e softwares (ativos goodwill)⁷, característica do novo padrão de comércio nas cadeias globais, torna mais custoso o desenvolvimento de patentes e de outros recursos detentores de valor agregado para os países em desenvolvimento. Dessa forma, a divisão do trabalho nas cadeias globais assinala e aprofunda a assimetria de poder⁸.

⁶ Trata-se do terceiro unblinding de Baldwin, ou uma recondução das atividades industriais para a periferia como referido por ARRIGHI & DRUNGEL, 1986, enquanto os Eua modernizam-se sem grandes custos em infraestrutura, com o advento do desenvolvimento de softwares e P&D em novas regiões, como o Vale do Silício. Cf. TAVARES, 2004.

⁷ Segundo a definição de Veblen (Veblen, 2000, *apud* Medeiros e Trebat, (2007)), apontada pelos autores, *goodwill* seriam ativos como marca, patentes, direito de propriedade, que constituem fonte de riqueza para aqueles que os possuem, mas não necessariamente geram retorno em valor para o resto da comunidade. A formação de cadeias globais faz com que os países centrais detenham tais ativos do tipo *goodwill*, de forma que apropriam, antes dos demais países, notadamente os periféricos cuja atividade econômica está centrada na exploração econômica, a parcela maior de valor agregado gerado na cadeia produtiva. Tal assimetria já havia assinalada também por Celso Furtado, para quem a polarização econômica era também uma luta contra o monopólio da tecnologia.

⁸ Nas palavras dos autores:

Esta visão nos é valiosa na medida em que mostra a consolidação, através de um circuito de distribuição de renda global, como a fragmentação da produção em cadeias globais mantém uma divisão regional do valor. Isto porque são os mesmos países centrais que detém as atividades de comando, como desenvolvimento de software e P&D, concentradas em valor agregado. Como esta distribuição é estrutural, outros países não conseguem acessá-la. O que corrobora a hipótese de que os desenvolvimentos do comércio global e da fragmentação da produção reforçam divisão internacional do trabalho e a consequente desigualdade na apropriação do valor ao longo das cadeias.

Considerações

As três visões aqui expostas – Medeiros e Trebat (2017), Sistema Mundo e Fiori e Tavares – fornecem conceitualizações ligeiramente distintas sobre as assimetrias de poder e as hegemonias, ainda que todos estejam em comum acordo diante do observado que a fragmentação da produção gera polarizações do tipo centro e periferia, expressas na economia mundial. A leitura atenta destas teses, desenvolvidas ao longo de três décadas, portanto, fornece uma genealogia da assimetria de poder e divisão do trabalho, além de embasar a hipótese inicial deste projeto, de que o espaço mundial é hierarquizado, de tal forma que a inserção nas cadeias globais não representam necessariamente um caminho para o *catching up*, mas antes reafirmam poderes regionais e globais, onde se verifica concentração do valor econômico adicionado.

1. Referências Bibliográficas

ARRIGHI, G.; DRANGEL, J. Stratification of World Economy: An Exploration Of The Semiperipheral Zone. Review (Fernand Braudel Center), vol. 10, N 1 (summer1986), pp 9-74.

BAIR, J. Global Commodity Chain: Genealogy and Review, in: Frontiers of Commodity Chain Research, Stanford University Press, 2009.

BRAUDEL; Fernand: “*A Dinâmica da Capitalismo*”. Ed. Teorema, Lisboa 1986, (pág 12-116)

“The ability of big business to extract technological and financial rents — to “get something for nothing,” as Veblen put it — explains much of the social and economic polarization of modern capitalism. The rise of GVCs, led by a select group of powerful corporations, has created a vast and unequal international division of labor that divides the world into “headquarter” economies located in Japan and the west and “factory” economies located in Southeast Asia, Eastern Europe, and Latin America (Baldwin and Lopez-Gonzalez 2013). Tangible activity (mostly in manufacturing and assembly) takes place in developing countries, while intangible intellectual work (mainly in services, such as R&D, design, finance, and marketing) is concentrated in wealthy countries. The “core business” of every TNC, irrespective of its particular branch, is to control and capitalize on these intangible assets.” (MEDEIROS, C. A & TREBAT, N. (2017), p. 407)

FERNANDEZ, Víctor Ramiro; TREVIGNANI, Manuel Facundo. Cadenas Globales de Valor y Desarrollo: Perspectivas Críticas desde el Sur Global. *Dados*, Rio de Janeiro, v.58, n.2, p. 499-536, June 2015.

FIORI, J.L.; MEDEIROS, C.; SERRANO, F (2008). O mito do colapso do poder americano. Rio de Janeiro: Editora Record.

FIORI, J. L. & MEDEIROS, C. A. (orgs.) (2001). Polarização mundial e Crescimento, Petrópolis.

FIORI, J.L. (org) (2004). O poder americano. Petrópolis: Editora Vozes.

HOPKINS, T.K.; WALLERSTEIN, I. Patterns of Development of the Modern World-System. *Review* (Fernand Braudel Center), Vol. 1, No. 2 (Fall, 1977), pp. 111-145.

MEDEIROS, C. A & TREBAT, N. (2017) Inequality and Income Distribution in Global Value Chains, *Journal of Economic Issues*, 51:2, 401-408

OSÓRIO, LFB O Sistema Mundo no pensamento de Arrighi, Wallerstein e Fiori: um Estudo comparativo, 2011

POCHMANN, M. Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho, CESIT, IEUNICAMP, 2001.

TAVARES, M.C. & FIORI, J.L. (org) (2004). Poder e dinheiro. Petrópolis: Editora Vozes.

WALLERSTEIN *World System Analysis- the Second Phase*, de Wallwerst